

## O poder, o monopólio e a produção exponencial de informação

### *Power, monopoly and exponential production of information*

Marcel José Cheida<sup>1</sup>

#### Resumo

O artigo compreende uma reflexão sobre os rumos da sociedade da informação, cujas estruturas são recondicionadas e remodeladas pelas tecnologias digitais combinadas com os desafiantes avanços dos processos de exploração dos bens do planeta. Desde a invenção da tipografia impressa, os sistemas e processos de comunicação sofreram profundas mudanças, as quais culminam com a internet. O telégrafo elétrico é o dispositivo que vai radicalizar a velocidade da emissão e recepção de mensagens, além de ser instalado como rede de comunicação, antevendo a *Internet*. A partir dele, a velocidade se torna o elemento crucial tanto para sustentar o capitalismo como modelo econômico de produção e consumo, como para acelerar profundamente as mudanças tecnológicas e comportamentais de meados do século XX até hoje. Assim, a reflexão apresentada propõe um problema que desafia a capacidade da humanidade e do planeta em conviver com processos acelerados, motivado pelas pressões e demandas de consumo as quais alimentam os monopólios que buscam incessantemente controlar a produção e a disseminação de conteúdos na sociedade consumista. O preço é a degradação das fontes dos recursos ambientais.

**Palavras-chave:** Ética. Informação. Mídia.

#### Abstract

*The article includes a reflection on the directions of the information society, whose structures are reconditioned and remodeled by the digital technologies combined with the challenging advances of the processes of exploitation of the goods of the planet. Since the invention of printed typography, communication systems and processes have undergone profound changes, culminating in the Internet. The electrical telegraph was the device that would radicalize the speed of sending and receiving messages becoming the first widespread communication network, anticipating the internet. From it, speed becomes the crucial element both to sustain capitalism as an economic model for production and consumption as well as accelerate profound technological and behavioral changes in the mid-twentieth century until today. Thus, the reflection addresses a problem that challenges the capacity of humankind and the planet to coexist with these accelerated processes, motivated by the pressures and demands of consumption, which feed the monopolies that incessantly seek to control the production and the dissemination of goods in a consumer society. The cost is the degradation of environmental resources.*

**Keywords:** Ethics. Information. Media.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Linguagem e Comunicação, Faculdade de Jornalismo. Rod. Dom Pedro I, km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. E-mail: cheida@puc-campinas.edu.br

## Introdução

A sociedade de consumo apresenta paradoxos que se perpetuam e se disseminam em inúmeras disciplinas, as quais se esforçam para encontrar respostas em favor da redução do conflito entre a capacidade econômica de adquirir bens e a disponibilidade monetária que expressa a identidade social para muitos. Nessa diferença, o discurso e os condicionantes mercadológicos procuram homogeneizar comportamentos de modo a estabelecer um modelo social viável e favorável ao consumo. Na encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco observa e salienta tal cenário, e destaca que os condicionantes são estabilizadores e homogeneizadores culturais, muito distantes, portanto, do discurso sobre a pluralidade dos interesses ou comportamentos situados em comunidades ou segmentos dessa mesma sociedade<sup>2</sup>: “A visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada atual, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade”. A crítica do Papa Francisco evidencia os padrões de controle de produção e disseminação do consumo, e ainda, que os sistemas mercadológicos dispõem de ferramentas condicionantes comportamentais, e que buscam uma uniformização apta à submissão consumista.

Nesse cenário, a produção, a oferta e a disseminação de informações adquiriram um potencial nunca visto até então. Ao mesmo tempo em que a sociedade de consumo tende a estabelecer um sentido comportamental homogêneo, enfrenta a pluralidade de fontes de informações, amparadas em indivíduos ou grupos de indivíduos operadores das tecnologias digitais.

Em o Sinal e o Ruído<sup>3</sup>, observa-se a incapacidade de:

Enfrentamos apuros sempre que o aumento da quantidade de informações ultrapassa a nossa capacidade de processá-las. Os últimos quarenta anos da história humana sugerem que ainda podemos levar um bom tempo para traduzir as informações em conhecimento útil e que, se não tivermos cuidado, podemos até dar um passo para trás nesse meio-tempo.

Homogeneização e oferta exponencial de informações são oriundas de fontes diversas e multiplicadas pelo fator indivíduo. Como tratar desses fatores por meio da Ética, de modo a buscar resposta que possam satisfazer questões básicas dos costumes ou da moral que se contamina pelo modelo egoísta de sociedade? Ou seja, o indivíduo e seus desejos são protagonistas indiferentes à coletividade, à solidariedade, ao altruísmo?

Os elementos conflitantes nesse cenário decorrem da oferta exponencial de informações com a ainda incapacidade de absorvermos todas elas, ou pelo menos selecionarmos aquelas que podemos interpretar e utilizá-las para os desafios mais cotidianos.

<sup>2</sup> FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus, 2015. p.89.

<sup>3</sup> SILVER, N. *O sinal e o ruído: por que tantas previsões falham e outras não*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012. p.14.

O domínio dos meios de comunicação, ao longo da história, é uma síntese dos controles sociais. Dizer e não dizer constituem dois polos discursivos que condicionam práticas sociais de modo a manter estruturas de dominação. Desde que a espécie humana inventou os primeiros suportes para registrar cenas cotidianas, como nas pinturas rupestres, até desenvolver as rudimentares técnicas destinadas a talhar pedaços de pedra para gravar as primeiras frases, o controle da mídia é também uma forma decisiva de controle e ordenamento social.

O avanço das técnicas<sup>4</sup> rudimentares para a ciência aplicada e a tecnologia de ponta resultam da combinação dos processos de ordenamento social e do domínio sobre o conhecimento. A mídia constitui-se, portanto, de duas dimensões submetidas por grupos que controlam os recursos políticos e econômicos: o suporte material configurado tecnologicamente e o conteúdo disposto ideologicamente.

O século XIX moldou o pensamento científico aplicado no século seguinte, o que configurou a tecnologia digital deste século. Nesse período de pouco mais de 200 anos, as mudanças na estrutura das sociedades condicionaram profundas alterações na percepção do comportamento humano nas várias dimensões: a política, a econômica, a religiosa e a moral. A ciência passou a ter um papel primordial e estratégico nas mãos dos grupos de poder, seja de governos seja de organizações monopolísticas. O planeta é o ambiente no qual os efeitos dessas profundas transformações desencadeiam efeitos nocivos à sobrevivência das espécies.

Desde a Primeira Grande Guerra, o planeta passa por dramática transformação motivada pelo exponencial aumento populacional<sup>5</sup>, bem como pelas aceleradíssimas mudanças nas características e aplicações tecnológicas. A velocidade dessas transformações afeta sobremaneira o meio ambiente que, desde o uso intensivo de pesticidas para o aumento da produção de alimentos, se depara com desastres inimagináveis ao longo da história da humanidade. O uso das bombas atômicas e, hoje, o desenvolvimento da inteligência robótica aplicada às máquinas para as mais diversas finalidades são alguns dos exemplos.

O século XX foi o período de profundas mudanças, cujos fatores compreendem a expansão do mercado de bens de consumo e serviços dotados de um atributo comum, a efemeridade: o predomínio da tecnologia baseada no eletromagnetismo e no domínio do mundo nuclear, quântico, que oferecem uma inédita perspectiva do domínio do homem sobre a natureza; a expansão das mídias, que se tornaram onipresentes no dia a dia das pessoas; a invenção do chip e das mídias digitais, as quais incorporam os mais avançados conhecimentos no campo tecnológico e científico.

<sup>4</sup> Técnica e tecnologia são conceitos distintos. A técnica decorre da experiência humana na aplicação de procedimentos desenvolvidos para transformar a natureza e os objetos e dar-lhes sentido útil. Resulta de um conhecimento herdado socialmente no tempo e no espaço. A tecnologia configura-se como conhecimento rigoroso tendo a ciência como fonte e a técnica como objeto. Adotamos, aqui, os comentários e conceitos expostos por LUPION, M.R.; SILVA, M.C. *Origem do logos da técnica e da tecnologia enquanto categorias e esferas distintas: uma reflexão*. In: JORNADAS LATINOAMERICANAS DE ESTUDIOS SOCIALES DE LA CIENCIA Y LA TECNOLOGÍA, 8., 2010, Buenos Aires, Argentina. Disponível em: <[http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/grupos/tema/75origem\\_logos\\_tecnica\\_tecnologia.pdf](http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/grupos/tema/75origem_logos_tecnica_tecnologia.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2016.

<sup>5</sup> O planeta era ocupado por 1,7 bilhão de habitantes no início do século XX. Atualmente, carrega mais de 7 bilhões de pessoas.

Nesse cenário aparentemente ambicioso, a população no planeta cresceu cerca de sete vezes. No início do século XX registrava-se um bilhão e meio de habitantes. Ao final, na virada do milênio, são pouco mais de sete bilhões de habitantes. O aumento exponencial da população compromete o consumo de alimentos, amplia a desertificação, acentua os conflitos entre povos em torno de territórios ricos em matéria prima e solo para cultivo. E, o mais grave, a disputa em torno das áreas aquíferas.

Segundo pesquisas<sup>6</sup> do sociobiologista Edward O. Wilson (EUA), o planeta tem capacidade de produzir alimentos para até 10 bilhões de habitantes, desde que todos sejam vegetarianos. E a mesma área para a produção de alimentos vegetarianos atende o equivalente a dois bilhões e meio de onívoros. Essa equação não encontra, portanto, uma saída para a distribuição equitativa de alimentos em um planeta que deve atingir 10 bilhões de habitantes até 2030.

O cenário é agravado pelo aspecto político e econômico, o qual descreve a concentração de riqueza no mundo. De acordo com os dados divulgados pela ONG britânica Oxfam, no Fórum Mundial Econômico, Davos, janeiro de 2016, 1% da população (cerca de sete milhões de pessoas) detém 48% da riqueza. A fortuna de 85 famílias no mundo corresponde a 50% dos bens da população pobre.

Entender tais fenômenos implica em considerar os fatores sociais da desigualdade, como consta da Encíclica, no capítulo em que o Papa Francisco<sup>7</sup> disserta sobre a desigualdade, numa relação com a exploração da riqueza terrena:

[...] o esgotamento das reservas ictílicas prejudica especialmente as pessoas que vivem da pesca artesanal e não possuem nenhuma maneira de substituí-la, a poluição da água afeta particularmente os mais pobres que não têm possibilidade de comprar água engarrafada, e a elevação do nível do mar afeta principalmente as populações costeiras mais pobres, que não têm para onde se transferir. O impacto dos desequilíbrios atuais manifesta-se também na morte prematura de muitos pobres, nos conflitos gerados pela falta de recursos e em muitos outros problemas que não têm espaço suficiente nas agendas mundiais.

Em uma perspectiva material ou econômica, a combinação da concentração de riqueza com a devastação da riqueza planetária resulta numa perspectiva nada esperançosa para curto e médio prazos de tempo, que se acenam extremamente graves. A discussão de tais fatores e de como avaliá-los em uma nova narrativa – que indique a superação de tais obstáculos, depende de suportes para um debate orientado por processos educacionais – que busquem valorizar uma profunda reflexão sobre um projeto de sobrevivência da espécie como parte inexorável do sistema planetário.

<sup>6</sup> ROMANZOTI, N. *Quantas pessoas o planeta suporta?* Disponível em: <<http://hypescience.com/quantas-pessoas-o-planeta-aguenta/>>. Acesso em: 30 maio 2016.

<sup>7</sup> FRANCISCO, Papa. *op. cit.*, p.33.

## A questão da mídia

A emergência dos sistemas digitais acentuou sobremaneira as mudanças comportamentais, decorrentes dos condicionantes tecnológicos, cujo ambiente é configurado no século XX. Contudo, foi a invenção da imprensa no século XV que redirecionou a trajetória técnica que, por sua vez, encontrou na ciência moderna os elementos que desaguaram no capitalismo industrial e, pouco depois, na invenção dos dispositivos elétricos e eletromagnéticos.

Se a invenção da escrita foi o primeiro passo a determinar a combinação de conteúdos com suportes midiáticos, como a argila, a pedra, a madeira, originariamente, foi por volta do ano 2000 a.C. que o papiro e, também, o pergaminho geraram o conceito de portabilidade. Ou seja, a informação poderia ser escrita em uma base, cuja característica era a de ser transportada pelo ser humano. A invenção da escrita reconfigurou as relações de poder e desencadeou o modelo de monopólio do conhecimento, cujo sistema transcendeu às “forças organizadas”<sup>8</sup>, estruturadas no poder militar. A criação da escrita pressupôs uma ruptura inovadora em relação à oralidade, pois objetivou-se a ideia, pertencente à dimensão subjetiva, na forma de símbolo suportado por bases de registro, cuja invenção e confecção passaram a depender de um conhecimento técnico, que deu à civilização outras perspectivas culturais, e também de poder, pois, originariamente, os sacerdotes detinham o saber técnico e discursivo sobre o registro, a rudimentar alfabetização e a interpretação dos signos<sup>9</sup>. O poder político, portanto, começou a ser desenhado na etapa civilizatória pela relação com os conteúdos escritos, de modo a dotar sacerdotes e reis da capacidade de interpretar o sagrado e, assim, estabelecer a ordem hierárquica, que passou a moldar o Estado.

A datação, imprecisa, estabelece, segundo vários historiadores, um tempo significativo entre a invenção da escrita e dos suportes midiáticos, e o primeiro grande passo para a modernidade, dado com a invenção da tipografia impressa, na segunda metade do século XV. E isso não seria possível sem o gradual e lento aprendizado sobre a confecção e o uso do papel, invenção chinesa do século II, introduzido na Europa pelos mouros, por volta do século IX. Levaram vários séculos até que o papel substituísse, de fato, o pergaminho, suporte predominante para o uso da escrita.

A considerar como referência o período de quatro mil anos a.C. para a invenção e desenvolvimento das primeiras técnicas da escrita e da gravação em pedras e na argila, quase 5.500 anos depois é que a imprensa tipográfica foi inventada. Ou seja, há cerca de 550 anos.

Desde então houve uma drástica redução temporal entre as invenções e os efeitos sobre a história humana. Nos últimos 550 anos, a aceleração dos processos produtivos midiáticos comporta mudanças profundas no comportamento, na cultural, na política, na economia, e na percepção do ser humano sobre si mesmo. Porém, com uma velocidade acelerada a cada invento.

---

<sup>8</sup> INNIS, H.A. *O viés da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2011. p.71.

<sup>9</sup> *Ibid.*

A trajetória dos suportes midiáticos, desde as pedras, tábuas de argila, papiro, pergaminho, depois o papel e a tinta, mais tarde os dispositivos elétricos, eletroeletrônicos, o transistor e, hoje, o chip, é uma história do poder nas duas principais facetas, a política e a econômica. O controle sobre o processo de industrialização e distribuição, por exemplo, da máquina fotográfica, do rádio, da televisão, do conteúdo cinematográfico, e, recentemente, dos sistemas em rede (*Internet*) e dos computadores, aí incluídos os celulares, resume o controle monopolístico das grandes corporações sobre a informação.

Se no passado milenar os sacerdotes e reis monopolizavam a informação e o conhecimento para aplicação religiosa, política e econômica, hoje os controladores das empresas nativas digitais emergem para uma posição de poder nunca vista na história da humanidade. Isso porque eles detêm o poder ramificado em todo o planeta.

As etapas desse processo (Quadro 1) são elencadas por Innis<sup>10</sup>, de modo a ilustrar os graduais passos que levaram a humanidade a estruturar a civilização com base nos suportes midiáticos, numa evidência de como tais ferramentas se constituíram em rupturas de época.

**Quadro 1.** O hiato as mídias.

---

4000 a.C.	A argila, o estilete e a escrita cuneiforme do começo da civilização na Mesopotâmia.
2000 a.C.	O papiro, o pincel e (as escritas) hieroglífica e hierática do período greco-romano, aos quais se acrescentam o estilete de junco e o alfabeto no momento da queda do Império do Ocidente.
900 d.C.	O pergaminho e a pena no século X (ou Idade das Trevas).
1100 a 1500 d.C.	Que coexistem com o papel, o qual se torna mais importante com a invenção da imprensa.
150 d.C. invenção do papel na China	O papel e o pincel na China e (de outra parte) o papel e a pluma na Europa, antes da Renascença ou da invenção da imprensa.
1450 a 1789 d.C.	O papel e a imprensa tipográfica baseada em métodos artesanais até o início do século XIX, ou (no período que vai) da Reforma à Revolução Francesa.
1800 d.C.	O papel produzido por máquinas e o uso de (fontes de) energia (não humana) para a prensa tipográfica, a partir do início do século XIX, ao papel fabricado da madeira, na segunda metade (deste mesmo) século.
1900 d.C.	O celuloide na expansão do cinema (e da máquina fotográfica, <i>nota do autor</i> ).
1900 d.C.	E, finalmente, o rádio, no segundo quarto do século XX.

---

<sup>10</sup> Cf. INNIS, 2011.

Os anos, na coluna à esquerda, referem-se ao período, pois tais invenções decorreram de processos, e várias delas resultaram de iniciativas coletivas, com inventores residentes em territórios distintos (como o caso do rádio) e não apenas de um indivíduo.

O controle dos suportes midiáticos, apesar da expansão civilizatória, compreendeu a formação de monopólios. Aqueles que passaram a controlar a produção e a distribuição desses recursos condicionaram os conteúdos, segundo Innis<sup>11</sup>:

Sistemas simples e flexíveis de escrita admitem a adaptação para o vernáculo, mas a adaptação lenta facilita os monopólios de conhecimento e hierarquias. Em contraste com a escrita, a leitura infere o reconhecimento passivo do poder da escrita. As invenções no domínio da comunicação forçam realinhamento no monopólio ou oligopólios do conhecimento. Qualquer monopólio do conhecimento – que aparece junto com as habilidades especializadas da escrita – será finalmente quebrado pelo uso da força se enfraquecer o contato com o vernáculo.

O autor desenvolve a hipótese de que o controle sobre os conteúdos (escritos) ou sobre o conhecimento registrado e distribuído pelos suportes midiáticos (desde o estilete até a impressão tipográfica, chegando ao rádio) se faz nas mãos de grupos monopolísticos ou oligopólios, uma vez que tais controles não são apenas econômicos, mas sociais<sup>12</sup>.

A relação dos monopólios do conhecimento com a força organizada ficou clara nas histórias política e militar das civilizações. O interesse no aprendizado pressupõe uma sociedade estável, na qual a força organizada seja suficientemente poderosa para prover proteção efetiva.

A avaliação de Innis compreende os períodos clássicos da civilização Ocidental, mas pode ser projetada até os dias de hoje com a ideia central dos monopólios sobre os recursos midiáticos. Numa revisão crítica sobre seu trabalho, Innis considera os avanços tecnológicos com um olhar negativo, cético, pois a expansão do conhecimento e da civilização, sob o controle dos monopólios sobre as mídias, suportadas pela ciência e pela tecnologia, constituem uma ameaça destrutiva às “condições da liberdade de pensamento” e à própria civilização ocidental<sup>13</sup>.

Fenômeno mais recente que ilustra o pensamento de Innis é o da cartelização das agências de notícias. Desde a fundação do primeiro escritório de tradução e comercialização de notícias internacionais na França, em 1835, por Charles Havas, as três maiores agências noticiosas, Havas, Reuter<sup>14</sup> e Wolff<sup>15</sup> firmaram um acordo de divisão

<sup>11</sup> INNIS, *op.cit.*, p.70.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p.71.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.285.

<sup>14</sup> Julius Reuter, de origem alemã, fixou-se em Londres, onde foi contratado, inicialmente, por Charles Havas, como correspondente. Em 1850, fundou a própria agência, que leva seu sobrenome até os dias de hoje.

<sup>15</sup> Bernard Wolff seguiu, inicialmente, o mesmo caminho do colega Reuter. Fundou e dirigiu a agência noticiosa alemã, Wolff.

dos continentes para explorar a produção e a comercialização de notícias que, originalmente, eram vendidas para casas bancárias e, depois, para as redações de grandes jornais europeus. As três organizações, porém, não conseguiram entrar nos EUA, cujos jornais optaram por criar as próprias agências, como a *Associated Press* e a *United Press International*.

O sucesso das agências noticiosas<sup>16</sup> seria talvez improvável não fosse um artefato tecnológico, fruto dos avanços da ciência no século XIX: o telégrafo. A instalação das redes telegráficas denunciava e consolidava a relação entre a indústria capitalista e a mídia.

Na década de 1970, a Unesco foi pautada a investir nos primeiros estudos sobre os sistemas de comunicação no planeta, o que a levou a convidar grupos de pesquisadores para elaborar um relatório com o resultado das pesquisas. À época, os Estados que representavam os Países Não Alinhados (aos EUA e a URSS) eram bombardeados pelo noticiário internacional produzido e distribuído pelas principais agências internacionais, as duas norte-americanas, *Associated Press* (AP), e a *United Press International* (UPI), e as europeias, *Reuter* e *France Press* (após o fim da Segunda Guerra, o governo francês adquiriu a Agência Havas e a denominou de *France Press*).

Sediado no México, o Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais (ILET), dirigido pelo pesquisador e especialista em Relações Internacionais, o diplomata chileno Juan Somavía, empreendeu um trabalho revelador<sup>17</sup> do sistema monopolístico de comunicação centrado nas agências noticiosas. Entre as conclusões<sup>18</sup>, a de que “a informação internacional é dominada por um reduzido número de meios que observam, valorizam, selecionam e transmitem a notícia em função de determinantes políticos e econômicos de seus países de origem, de seus próprios interesses comerciais e de uma visão cultural unilateral”. Essa característica revelava o elemento ideológico presente na atuação das agências e na confecção noticiosa, cujo objetivo maior era a preservação das relações de poder entre países dominantes e dominados, conforme expressão política da época. Nesse contexto, advertia: “A notícia transformou-se em uma simples mercadoria que é vendida segundo a ‘lógica’ do mercado dominante e, em consequência, é incapaz de refletir as realidades históricas, culturais e políticas que dão aos fatos sua real dimensão”<sup>19</sup>.

Se há menos de cinco décadas tais estudos formalizavam o conceito de notícia/mercadoria, as estruturas e sistemas industriais corporativos, alinhados a governos, alimentavam – e ainda alimentam – os processos de produção, distribuição e significação dos conteúdos noticiosos.

---

<sup>16</sup> Para consulta sobre a relação entre o telégrafo e as agências, ver MATTA, F.R. (Org.). *A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; BRIGGS, A.; BURKE, P. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004; e COSTELLA, A.F. *Comunicação: do grito ao satélite*. 6. ed. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2014.

<sup>17</sup> Cf. MATTA, 1990.

<sup>18</sup> *Id.*, p.25.

<sup>19</sup> *Id.*, p.26.

Hoje, as grandes corporações digitais cumprem a afirmação crítica daqueles estudos sobre alcançarem o *status* de organizações transnacionais e não mais multi ou nacional.

Em 1990 foi publicado, nos EUA, um destacado estudo feito pelo jornalista Bem Bagdikian, publicado com o título “O Monopólio da Mídia”, o qual denunciava o espírito corporativista e monopolista dos jornais e empresas de comunicação norte-americanos. Segundo Bagdikian<sup>20</sup>: “Os meios de comunicação de notícias não formam um bloco monolítico: não estão paralisados num conjunto permanente de padrões. Entretanto, têm uma tendência incorporada de proteger o poder corporativo o que, conseqüentemente, diminui a possibilidade de o público entender as forças que geram o cenário americano”. Tal afirmação corrobora a ideia do monopólio corporativista.

## Velocidade

As profundas mudanças estruturais, marcadas por rupturas históricas, encontraram, desde o século XIX, um outro fator que contribui para a aceleração e de um novo cenário no trato da informação. Se os conglomerados corporativos, monopolistas, buscam controlar os processos de produção e distribuição de mídias e de conteúdo, a tecnologia oferece a velocidade como vetor dessas transformações.

Conforme datação histórica<sup>21</sup> por períodos, é exatamente após a expansão do capitalismo industrial e do modelo de rede elétrica, ou eletromagnética, que se encontra uma redução exponencial do intervalo de tempo entre as criações no campo da tecnologia.

O Quadro 2 apresenta o período no qual o telégrafo a cabo foi desenvolvido e utilizado comercialmente. O conceito de telegrafia era conhecido e foi o francês, Claude Chappe<sup>22</sup>, quem construiu o telégrafo mecânico, estruturado em torres construídas a certa distância visível, com um sistema móvel de vigas de madeira. Estas eram movidas por roldanas e assim formavam sinais, cuja codificação foi inventada por ele.

A invenção de Chappe<sup>23</sup> despertou grande interesse em Napoleão Bonaparte, que incentivou o uso da telegrafia mecânica desde que tomou o poder na França, em 1799:

Teve início a construção de estações em braços que se estendiam para Estrasburgo, a leste, para Brest, a oeste, e para Lyon, ao sul. Quando Napoleão Bonaparte tomou o

<sup>20</sup> BAGDIKIAN, B.H. *O monopólio da mídia*. São Paulo: Scritta Editorial, 1993. p.11.

<sup>21</sup> Cf. INNIS, 2011 e GLEICK, J. *A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. As datas no quadro são indicativas de um ano, mas deve-se considerar que tais comportamentos, como a fala, por exemplo, decorreram de um processo de adaptação comportamental e de aperfeiçoamento das relações sociais. As invenções, com a escrita ou a imprensa, resultam de processos experimentais fruto de rotinas ou em espaços laboratoriais estruturados em etapas e por trocas de experiência e conhecimento.

<sup>22</sup> GLEICK *op. cit.*, p.140.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p.141.

**Quadro 2.** Datação histórica por períodos.

Sistema ou componente midiático	Datação em anos	Característica
Oralidade	80.000	Período aproximado, pois é um comportamento aprendido.
Escrita	8.000	Período aproximado, dada a característica processual da invenção.
Imprensa	560	J. Gutenberg desenvolveu e aperfeiçoou um sistema já conhecido por chineses e coreanos, o do tipo móvel.
Telégrafo a cabo	180	Invenção que institui o sistema de rede elétrica.
Rádiodifusão	130	O modelo de rede difusa.
Televisão	85	O condicionamento da linguagem audiovisual.
Computador	60	A digitalização e a dimensão do virtual.
Chip	45	Vem a substituir o transistor, inventado nos Laboratórios Dell, em 1947.
<i>Internet</i>	20	Sistema em rede, que utiliza tanto o suporte físico (cabos) como o eletromagnético (antenas e satélites)

poder, em 1799, ordenou que uma mensagem fosse enviada em todas as direções – *‘Paris est tranquille e les bons citoyens son contents’* – e logo encomendou a construção de uma nova linha de estações que chegassem a Milão.

O episódio evidencia a relação íntima que o poder passou a ter com os modernos sistemas de comunicação à distância. Antes eram os correios que se incumbiam dessa tarefa e eram controlados, também, pelos governos. A diferença, entretanto, estava na velocidade que foi imprimida de um sistema para o outro. A telegrafia mecânica superava, em muito, os quase 40 quilômetros por hora de um cavalo com mensageiro. O olhar sobre as vigas entrelaçadas, em torres a distâncias visíveis, permitia a transferência de mensagens em poucos minutos entre a torre emissora e a similar receptora.

A expansão industrial impulsionou a comunicação de mensagens de caráter econômico, político e militar para o Ocidente colonial, cujos governos davam amparo às companhias comerciais que exploravam territórios distantes. O telégrafo elétrico tornou os sistemas de comunicação mais acelerados ainda. Uma mensagem impulsionada eletricamente levava apenas um segundo para percorrer cerca de 30 mil quilômetros. Se considerarmos a circunferência do planeta em torno de 40 mil, uma mensagem percorria, em linha reta, por cabo, o planeta em pouco mais de um segundo.

Mais tarde os sistemas de rádiodifusão, ao final do século XIX, com a invenção do radiotransmissor e do rádio receptor, qualquer sinal emitido era percebido como instantâneo, entre a emissão e a recepção. Desapareceu o conceito de distância espaço-

-temporal na emissão de mensagens. Atualmente é a instantaneidade o fenômeno que descreve como um sinal é transmitido.

No universo computacional, a instantaneidade já aparenta ser algo banal, comum à rotina da comunicação. Isso traz mudanças agudas nas relações sociais, uma vez que os processos sócio-políticos ou econômicos adquirem velocidades impensáveis antes do século XX.

Se J. Gutenberg imprimia, no final do século XV, 135 exemplares da Bíblia em três anos, hoje a Bíblia digital é ubíqua<sup>24</sup>, onipresente e permanente no sistema virtual. E não apenas o livro mais lido no planeta encontra a ubiquidade nas redes. Toda informação que trafega pela internet apresenta esse atributo, que registra, também, números magníficos quanto às demandas pelo planeta.

Hoje são registradas cerca de 700 mil buscas pelo Google em 60 segundos. Algo em torno de 13 mil aplicativos baixados por minuto. Nesse mesmo tempo, são postados em torno de 600 vídeos no *Youtube* ou algo em torno de 25 horas de conteúdo.

A produção e a disseminação, por publicação, de mensagens digitais condiciona novos comportamentos, num universo de dispersão e ansiedade, dada a oferta descomunal de informação. Pierre Lévy<sup>25</sup>, um pensador marcado pelo otimismo sobre as tecnologias digitais, salientou a dinâmica intrínseca da *world wide web* – *www*, sistema que se estrutura em sistemas os mais diversos, com a capacidade de significativa proliferação, tanto do produtor como do consumidor da informação: “A *World Wide Web* é um fluxo. Suas inúmeras fontes, suas turbulências, sua irresistível ascensão oferecem uma surpreendente imagem de inundação de informação contemporânea. Cada reserva de memória, cada grupo, cada indivíduo, cada objeto pode tornar-se emissor e contribuir para a enchente”.

A produção e a oferta incomensuráveis de informação, contudo, configura um cenário paradoxal. Segundo Lévy<sup>26</sup>: “A emergência do ciberespaço não significa, de forma alguma, que ‘tudo’ pode enfim ser acessado, mas, antes, que o Todo está definitivamente fora de alcance”. O ilusório mundo da *Internet* carrega a ideia de totalidade que sufoca a parte, ou a capacidade de cada indivíduo se relacionar com as porções de realidades possíveis. A saída, segundo Lévy, é a construção de “totalidades parciais”.

Em 1991, um pouco antes do advento da *Internet*, o arquiteto e designer gráfico, um dos criadores da *TED Conference* e do conceito de Arquitetura da Informação, o norte-americano Richard Saul Wurman, publicou a obra intitulada “A Ansiedade da Informação”. Nela elenca os fatos que contribuíram para o inexorável aumento exponencial da oferta de informações no período pós II Guerra. Wurman<sup>27</sup> pesquisou

<sup>24</sup> Sobre o conceito de ubiquidade e virtualidade, ver SANTAELLA, L. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

<sup>25</sup> LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. p.162.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p.163.

<sup>27</sup> WURMAN, R.S. *Ansiedade de informação: como transformação informação em compreensão*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.

como ocorria esse fenômeno e foi um dos pioneiros a formular o conceito de *gap*, ou a lacuna temporal das dobras de informações oferecidas. À época Wurman<sup>28</sup> demonstrou o caso: “Uma edição do *The New York Times* em um dia da semana contém mais informação do que o comum dos mortais poderia receber durante toda a vida na Inglaterra do século XVII”. Há 25 anos, segundo o autor, a quantidade de informações dobrava a cada quatro anos. Hoje, isso ocorre em muito menos tempo.

Segundo a organização *International Data Corporation* (IDC)<sup>29</sup>, especializada em tecnologia, uma pesquisa realizada em 2014 apontou que a quantidade de informações mais do que dobra a cada dois anos. Segundo Wurman<sup>30</sup>: “A informação transformou-se na força motriz de nossa vida e a terrível ameaça dessa pilha cada vez maior a exigir compreensão leva a maioria de nós à ansiedade”. O autor descreve esse fato, que toma conta do cidadão comum no dia a dia, cercado por mídias numa competição com recursos e apelos inesgotáveis:

Ansiedade de informação é o resultado da distância cada vez maior entre o que compreendemos e o que achamos que deveríamos compreender. É o buraco negro que existe entre dados e conhecimento, e ocorre quando a informação não nos diz o que queremos ou precisamos saber. Nossa relação com a informação não é a única fonte de ansiedade de informação. Também ficamos ansiosos pelo fato de o acesso à informação ser geralmente controlado por outras pessoas. Dependemos daqueles que esquematizam a informação, dos editores e produtores de noticiários que decidem quais notícias iremos receber, dos que tomam decisões nos setores públicos e privado e podem restringir o fluxo de informação<sup>31</sup>.

A afirmação de Wurman, porém, considerava o papel dos editores de jornais como de alta relevância no período anterior à *Internet*, porém, ela mudou essa relação e os papéis. Os programadores especializados em Tecnologia da Informação (TI), são os novos detentores desse poder sobre o fluxo de conteúdo, uma vez que cabe a eles arquitetar as mídias e programar, por algoritmos e outras linguagens, como as mensagens trafegam pela *web*.

A ansiedade como comportamento, do qual resulta a dispersão, é de tal modo estimulada que favorece o controle social e também a irascibilidade. Wurman<sup>32</sup> observa que a ansiedade pode “manifestar-se também como um mal-estar crônico, um medo generalizado de estarmos prestes a ser esmagados pelo próprio material que necessitamos dominar para agir neste mundo”. Ao longo da obra Wurman aponta caminhos

<sup>28</sup> Cf. WURMAN, 1991, p.36.

<sup>29</sup> GREGO, M. Conteúdo digital dobra a cada dois anos no mundo. *Revista Exame*, abril de 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/conteudo-digital-dobra-a-cada-dois-anos-no-mundo>>. Acesso em: 29 maio 2016.

<sup>30</sup> *Ibid.*, 1991.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p.38.

<sup>32</sup> WURMAN, 1991, *loc. cit.*

para reduzir o grau de ansiedade, por aprendizado e elaboração de sistemas de dados para melhor compreender tanta informação. Mas, para isso, toda estrutura educacional deve dominar as novas linguagens e tecnologias, de modo a estabelecer programas de *literacia*, ou seja, um outro aprendizado sobre as mídias e seus conteúdos.

Outro aspecto desse mundo da informação é como a memória passou a depender de armazenamento externo. As máquinas de procura e pesquisa como o Google substituem a pesquisa documental, tradicional, nos livros e jornais. E também estimulou um outro comportamento, o qual reconhece a memória exógena, aquela que se encontra nas nuvens computacionais.

Um dos efeitos dos avanços e dos monopólios sobre as mídias e conteúdos já havia sido detectado na primeira metade do século XX por alguns pensadores. Entre eles, Albert Schweitzer<sup>33</sup>, que – na era da expansão do rádio e do capitalismo industrial – notava que a “nossa vida espiritual está desorganizada porque a excessiva organização de nosso meio ambiente externo leva à organização de nossa ausência de pensamento”.

O Papa Francisco<sup>34</sup>, na *Laudato Si'*, no capítulo, A Globalização do Paradigma Tecnocrático, observa “o modo como realmente a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento juntamente como um paradigma homogêneo e unidimensional”. Ao adotar a tecnologia digital como modelo de referencial único, o ser humano também se condiciona por ele ao encontrar no mundo virtual todos os objetos que pretende conhecer. “Assim, podemos afirmar que, na origem de muitas dificuldades do mundo atual, está principalmente a tendência nem sempre consciente, de elaborar a metodologia e os objetivos da tecnociência segundo um paradigma de compreensão que condiciona a vida das pessoas e o funcionamento da sociedade”.

A análise evidencia como há um modelo reducionista de percepção de mundo, de modo a afetar tanto o meio ambiente e a degradação social e humana. Desse modo, o Papa Francisco dialoga com Schweitzer ao apontar como o sujeito toma como pressuposto a neutralidade da tecnologia, como se esta não fosse criada com propósitos pelo próprio homem. “É preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba condicionando os estilos de vida e orienta as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder”<sup>35</sup>.

Os grupos de poder são os elencados pelos estudos sobre os conglomerados corporativos descritos tanto pelo Ilet, como pela Unesco e outras tantas organizações de pesquisas.

A alienação digital, que vê o mundo no aparato virtual e nele se encontra as informações, dados, narrativas e a memória, se torna o objetivo do controle social, pois

<sup>33</sup> SCHWEITZER, A. *A decadência e a restauração da civilização*. Londres: [s.l.], 1932 (apud INNIS, 2011).

<sup>34</sup> Cf. FRANCISCO, Papa, 2015, p.68.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p.69.

assim, o “pensamento desorganizado” encontra nos sistemas um indicativo de organização e de redução da ansiedade.

Numa entrevista concedida ao jornalista Marcelo Tas<sup>36</sup>, no programa de comemoração dos 20 anos da TV UOL, um integrante do grupo de humor Jacaré Banguela, o *youtuber* PC Siqueira, sintetizou a relação entre a ansiedade, o efêmero e o descartável como comportamento do mundo condicionado pela mídia digital: “Por exemplo, você viaja para Estados Unidos, tira várias fotos, e depois você tem que procurar. Foto de celular ninguém revela. No futuro tudo vai ficar descartável, vai ser difícil encontrar as coisas e tudo vai ser jogado fora”. Tas afirmou, ainda, que hoje é mais fácil encontrar uma foto revelada em papel nos anos 1950 do que uma imagem no smartphone, pois são tantas ou já foram descartadas.

A esse aspecto se soma o estímulo à individualidade. O sujeito está exposto aos recursos tecnológicos, distante da sociabilidade nas relações interpessoais. A imagem dos indivíduos, numa multidão, de posse e com os olhos voltados ao *smartphone* é a expressão síntese da redoma tecnológica que envolve o sujeito. Abarrotado pela onipresença informacional, o sujeito se encontra num ambiente denominado de virtual, mas que é real. Como afirma Castells<sup>37</sup>, o sistema realiza a experiência simbólica e material, a qual “é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência”.

A relação entre o sujeito e a máquina digital se baseia na “integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação”<sup>38</sup>, capaz de compreender “todas as expressões culturais”. Aí se encontra um modo dicotômico, ou binário, como diz o autor, da presença/ausência em relação ao mundo digital de comunicação. Assim, as mensagens são “reduzidas à imaginação individual ou às subculturas resultantes de contato pessoal, cada vez mais marginalizadas”<sup>39</sup>.

## Considerações Finais

O controle sobre as mídias e a informação é o desafio maior dos conglomerados corporativos, que se orientam pelas doutrinas liberais do mercado.

Na concepção denominada neoliberal, formulada como a radicalização da liberdade econômica, encontra-se a ideia da neutralidade do mercado. Para um dos expoentes dessa doutrina, Friedrich Auguste von Hayek<sup>40</sup>, “o mercado é um ser natural perfeito do qual não se pode exigir moralidade”. A frase compõe a análise de Costa<sup>41</sup>

<sup>36</sup> Ver em <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2016/04/28/a-internet-e-uma-avalanche-de-desorganizacao-diz-marcelo-tas-em-debate.htm>>.

<sup>37</sup> CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.395.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p.396.

<sup>39</sup> *Ibid.*

<sup>40</sup> COSTA, C.T. *Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

<sup>41</sup> *Ibid.*

sobre os efeitos nas relações comunicacionais de um mercado monopolista que projeta a desigualdade sobre o controle da mídia e dos processos comunicacionais.

Costa busca no norte-americano Joseph Stiglitz, ganhador do prêmio Nobel de Economia<sup>42</sup>, o modelo da assimetria da informação. Para o economista as pessoas sabem mais ou menos conforme a área na qual atuam e se especializam. Stiglitz fez os estudos no campo dos fluxos econômicos e financeiros para demonstrar a disparidade ou a não-igualdade entre os agentes econômicos no trato da informação. Para Costa, no universo da comunicação há quem detenham mais ou menos informações e essa diferença projeta quem detém mais ou menor poder sobre um sistema.

Ocorre que a expansão dos sistemas monopolísticos de produção informativa, tais como *Google, Facebook*, entre outros, evidenciam formas de controle e de dominação. A informação é um capital simbólico, o qual, segundo Bourdieu<sup>43</sup>, detém o controle discursivo em campos sociais, de modo a aplicar e utilizar das estruturas simbólicas “em níveis, ordens, graus ou quaisquer outras hierarquias simbólicas”, com o objetivo de moldar juízos sociais. O domínio discursivo e dos suportes ou plataformas midiáticas estruturam os novos sistemas de poder, o qual é proporcional<sup>44</sup> ao capital controlado. O manuseio desse capital condiciona as formas perceptivas decorrentes da adesão do público à “eficácia performativa do discurso”, segundo Bourdieu<sup>45</sup>.

A natureza do poder, contudo, se revela, historicamente, pela capacidade corruptiva. Conquistar e manter o poder, seja ele político, econômico, religioso ou simbólico, requer salvaguardas de enfrentamento aos aspectos intoleráveis social e eticamente. Ocorre que a submissão ao poder é um dos principais componentes para a sua manifestação e existência, sem a qual aquele se desestrutura, desaparece. Comparato<sup>46</sup> observa:

Como já foi repetida vezes observado, a paixão pelo poder é intrinsecamente corruptora. Há, sem dúvida, a corrupção mais vulgar, daquele que compra a consciência alheia, ou vende a sua. Mas há também uma forma muito mais complexa e sutil, que frisa à loucura mora. O indivíduo escravo dessa paixão tende a se servir, para alcançar seus fins, de todos os sentimentos altruístas que encontra disponível diante de si: o amor, a compaixão, a generosidade, a lealdade, o espírito de servir, a solidariedade. Com desoladora frequência, velhos amigos e grandes admiradores do governante, ou então pessoas respeitáveis na sociedade pela sua correção e sabedoria, são usados em proveito próprio pelo titular do poder, sem nenhum escrúpulo.

<sup>42</sup> Cf. COSTA, 2009, p.219.

<sup>43</sup> BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p.145.

<sup>44</sup> *Ibid.*

<sup>45</sup> *Ibid.*

<sup>46</sup> COMPARATO, F.K. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.591.

A afirmação de Comparato encontra nas palavras do Papa Francisco<sup>47</sup> rumos que podem ser adotados como salvaguardas para enfrentar o poder simbólico presente no *World Wide Web*, como desafio para a construção de olhares críticos em torno das radicais ameaças à “casa comum”. Conforme a Carta Encíclica<sup>48</sup>, cabe ao Estado assumir obrigações com a finalidade de contribuir para a organização e a preservação do futuro de todos nós:

Os limites que uma sociedade sã, madura e soberana deve impor têm a ver com previsão e precaução, regulamentações adequadas, vigilância sobre a aplicação das normas, contraste da corrupção, ações de controle operacional sobre o aparecimento de efeitos não desejados dos processos de produção, e oportuna intervenção perante riscos incertos ou potenciais<sup>49</sup>.

Tais rumos e conflitos devem, portanto, ser olhados com prudência política e compromisso moral, de modo a reduzir os efeitos perversos que resultam da combinação da expansão monopolística do poder e o uso descabido da informação com a finalidade de controle potencializado do consumo.

As corporações ou os agentes de poder buscam pesquisar, controlar e distribuir os conteúdos por meio da posse dos suportes ou plataformas midiáticas, o que lhes dá um poder incomensurável sobre os fluxos de informação e seus efeitos. Ocorre que o controle padece de fragilidades gritantes. Os agentes que criam, desenvolvem e manuseiam a Tecnologia da Informação, por meio das linguagens e sistemas digitais, também selecionam, priorizam ou descartam informações e dados. Ou seja, agem técnica e ideologicamente para oferecer os conteúdos. Segundo Costa<sup>50</sup> “Em decorrência (dos métodos de pesquisa e hierarquização programados), os mecanismos de buscas, contraditoriamente, fazem com que informações incompletas, erradas, distorcidas ou inidôneas se multipliquem junto com informações completas, corretas e idôneas”.

Nesse universo paradoxal, aquele ser de memória exógena e estimulado para a alienação digital, é submetido por aquele que detém os processos e suportes midiáticos. Assim, as informações são distribuídas também assimetricamente, e reforçam o estado de desigualdade que se projeta no aparato econômico. À medida que a desigualdade econômica e midiática está casada, os cônjuges são, de fato, os que acumulam um poder pouco visto na história da humanidade.

À concentração de poder surge e são amplificados, em contraponto, valores éticos que indicam a reação social. Compartilhar, interagir, a gratuidade e a criatividade comum, ou coletiva, sugerem a presença de uma moral que Costa intitula de “provisória” no exercício do Jornalismo, mas que contamina toda iniciativa em torno do universo digital. Acessar e descartar são condutas rotineiras que embutem a moral provisória, pois a

<sup>47</sup> Cf. FRANCISCO, Papa, 2015, p.105.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p.105.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p.105.

<sup>50</sup> Cf. COSTA, 2009, p.223.

ação não mais busca definir o caráter ou a respeitabilidade social, mas apenas a exposição momentânea do sujeito num instante virtual. A visibilidade imediata se sustenta na presentificação, no tempo presente absoluto, onde o passado se encontra na memória exógena e o futuro é o aqui e o agora.

A provisoriedade encontra a ambivalência no plano moral. Os esforços para uma reflexão ética que resulte em caminhos políticos e econômicos em tais cenários, nos quais o pragmatismo suplanta os velhos ideais da Modernidade, Bauman<sup>51</sup> expõe o caráter ambivalente da moral contemporânea, o que reúne predicados positivos e negativos nos planos e projetos de ordenamento social:

De fato, os humanos são moralmente ambivalentes: a ambivalência reside no coração da 'primeira cena' do humano face a face. Todos os subsequentes arranjos sociais – instituições amparadas pelo poder, assim como as regras e os deveres racionalmente articulados e ponderados – desenvolvem essa ambivalência como seu material de construção, se ambivalência. Os últimos esforços são ineficazes ou acabam exacerbando o mal que desejam desarmar.

As agressões ao meio ambiente, os recursos normativos e materiais para a afirmação ecológica na “casa comum” são componentes dessa ambivalência, que ajuda a elaboração de diagnósticos sobre a combinação do poder monopolístico nas mãos das organizações privadas, o papel do Estado e o mundo da tecnologia digital. A desigualdade socioeconômica e a diversidade cultural alimentam a ambivalência na medida em que o sistema interconectado pretende uma suposta universalidade ilusória.

A mídia, como ferramenta de produção e difusão de mensagens, contém e expressa o caráter ambivalente entre as informações improcedentes e as procedentes, as híbridas, que reúnem ficção e verdade factual, e as deliberadas mentiras em confronto com as bem intencionadas verdades que rondam todo o espectro discursivo sobre a preservação integral do planeta e as agressões que o destroem.

---

<sup>51</sup> BAUMAN, Z. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997. p.20.

